



A MURILLO MARX

FOI UMA HONRA, PROFESSOR!

*Descobri sua competência, descobri sua cultura.
Descobri que poderia chamá-lo pelo primeiro nome.
(Ah, missão difícil: conseguia, com esforço, chamá-lo de
você.)*

*Descobri que foi embora sem a oportunidade da
despedida.*

(Como pôde fazer isso conosco?)

Percebi que não houve escolha.

Percebi que nada podemos fazer.

Percebi que uma frase ficou por dizer:

Foi uma honra, professor!

Cristina Pegurer

MURILLO MARX

Solange de Aragão (ex-orientanda)

Maria Alice Vaz de Almeida
Mendes Correia (ex-orientanda)

O CÉU DE FRANS POST

Solange de Aragão

Há alguns meses, quando procurei o professor Murillo Marx para falar sobre a ideia de uma possível pesquisa, enquanto conversávamos sobre cidade, arte e história da arte, ele comentou que a primeira vez que esteve em Olinda, ainda jovem, ao alcançar um dos pontos mais altos da cidade e contemplar a paisagem lá de cima, pensou: “Este é o céu de Frans Post”. Era historiador da arquitetura, sempre muito preocupado com as questões do patrimônio histórico, mas era também historiador da arte, nato, com extrema sensibilidade artística.

O professor Murillo Marx escreveu e publicou diversos livros de suma importância para a história da arquitetura e da cidade brasileira – resultados de pesquisas intensas, desenvolvidas ao longo de sua carreira acadêmica. O primeiro que citaria é *Cidade brasileira* – um dos livros mais reveladores das características gerais e morfológicas de nossas cidades, que trata das praças, das ruas, dos jardins, das construções, por meio de uma linguagem bastante poética e refinada. Para comprovar a asserção, destacaria o seguinte trecho: “À maneira de contas num colar, na cidade

brasileira tradicional, as casas térreas e os sobrados se amoldam à topografia." (MARX, 1980, p. 98)

Outra obra importante, que já está em sua segunda edição, é *Nosso chão: Do sagrado ao profano*, que resultou de sua livre-docência. Tendo como recorte a cidade de São Paulo, o livro apresenta uma análise do processo de secularização de seus espaços, ou o modo como o "*espaço urbano público no Brasil evoluiu lentamente do sagrado ao profano*", como ele mesmo assinala na introdução (MARX, 1989, p. 7). As leis referentes ao espaço público brasileiro e, de forma ainda mais específica, ao espaço público paulistano, assim como o uso desse espaço e as transformações desse uso, atraíram a atenção do historiador, interessado também nas questões urbanísticas.

Cidade no Brasil, em que termos? e *Cidade no Brasil, terra de quem?* trazem respostas a outras questões relacionadas à urbanização brasileira, como as que dizem respeito à lei de terras, ao *rossio*, à doação de sesmarias, à posse, às posturas e códigos que, de alguma forma, ordenaram nossas cidades, nos primeiros séculos de ocupação.

[...] *Explicitamente a chamada Lei de Terras, aqui central, isola a parte do município sob domínio da municipalidade, para gozo e moradia dos munícipes urbanos – o rossio –, do resto do território do império.* (MARX, 1999, p. 17)

A preocupação com a escrita, com a literalidade textual, com as palavras, com a beleza mesma do texto revelam, por trás do historiador, o escritor. Gostava de escrever e gostava também de ler. Por diversas vezes, mencionou, em conversas, os livros que estavam em sua cabeceira, os livros que acabara de ler, que havia lido, com o intuito primeiro de partilhar suas leituras. Trazia, na memória, o exato momento em que "descobriu" o livro do Argan, *História da arte como história da cidade* – ou *Storia dell'arte come storia della città*, como se referia a essa obra, ainda recém-lançada na época e em exposição na biblioteca da FAUUSP, tendo compartilhado sua "descoberta" com a professora Ana Maria Belluzzo, nas rampas da faculdade. Amava os livros – os bons livros – como amava a arte, a cidade e a arquitetura.

Participou da instalação do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) em São Paulo, integrou o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), foi diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE) e do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP) e representou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Universidade de São Paulo, em uma série de eventos fora do País.

Como professor, sempre ministrou aulas muito ricas e enriquecedoras, na graduação e pós-graduação da FAUUSP, em função de sua expressiva diversidade de conhecimento. Falava sobre São Paulo, sobre Berlim, sobre o Brasil, sobre a Europa, sobre os Estados Unidos, sobre fatos antigos e sobre fatos recentes. Descrevia a ágora, o fórum romano, as praças brasileiras. Mencionava paisagens – outro tema que parecia exercer pleno fascínio sobre ele.

Como orientador, demonstrava uma preocupação e um cuidado especial com seus orientandos e "supervisandos" – como passou a denominar os pesquisadores de pós-doutorado. Era um professor com elevado grau de

humanidade. Como pessoa, era “muito gentil e honesto”, como tão bem o definiu uma professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Se a memória é um cabedal infinito, como afirma Ecléa Bosi (1994, p. 39), sempre vou me lembrar dos percursos entre a FEA e a FAU, pontuados de comentários sobre as coisas bonitas da arte, da cidade e da arquitetura. Também não vou esquecer o professor que chegava à sala de aula da FAU-Maranhão, colocava elegantemente seu paletó na cadeira e, a partir de uma simples folha de papel, digitada ou datilografada, produzia aulas extraordinárias. Quando ele falava, ninguém queria ir embora.

Certa vez, em que participei de um evento na Unesp de Bauru, notei que, enquanto a maior parte dos palestrantes proferia suas comunicações, os alunos entravam e saíam da sala ininterruptamente. Mas, quando o professor Murillo Marx começou a falar, nenhum aluno saiu – todos permaneceram atentos, em seus respectivos lugares. Talvez essa fosse uma qualidade da qual nem ele se desse conta: a de possuir a capacidade do discurso e da oratória, que prende a atenção dos ouvintes.

São palavras faladas, palavras escritas, percursos e vivências que ficarão na lembrança de quem teve a oportunidade de conviver com o professor Murillo Marx, ou mesmo de ler seus livros, de escutar suas palestras e de compartilhar com ele caminhos e conversas *na* paisagem e *sobre* a paisagem – ou sobre todas as paisagens, como aquela do céu azul de Frans Post.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos: Edusp, 1980.
- . *Nosso chão: do sagrado ao profano*. São Paulo: Edusp, 1989.
- . *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: Nobel, 1991.
- . *Cidade no Brasil, em que termos?* São Paulo: Nobel, 1999.

UM POUCO DO PROFESSOR MURILLO

Maria Alice Vaz de Almeida Mendes Correia

Ouvi falar muito bem do professor Murillo, em um encontro em Lisboa, na Universidade Técnica. Nesse encontro, apresentei fotos sobre o patrimônio de Luanda, e, nesse mesmo encontro, os arquitetos brasileiros, docentes de várias universidades do Brasil, falaram de seu potencial. Fiquei muito impressionada e manifestei interesse em fazer meu doutorado na FAUUSP, estávamos em novembro de 2008.

Em março de 2009, tive conhecimento que o professor Murillo aceitara ser meu orientador. Fiquei muito feliz, e quando falei do professor Murillo Marx a vários brasileiros que residem em Angola, eles me disseram que tê-lo como orientador seria um luxo... Fiquei mais feliz ainda.

A partir daquela data, falávamos muito por telefone, para tirar dúvidas sobre o projeto de pesquisa. Sua voz era forte, e, enquanto falávamos de coisas sérias, ele fazia pausas para brincar e fazer perguntas sobre mim e sobre meu País.

Foi pouco a pouco que o conheci, a distância. Mas quando nos vimos pela primeira vez, no dia 13 de outubro de 2009, sentimo-nos amigos, como se já o fôssemos há muito tempo, e foi muito bom, porque o senti como um pai ou um irmão mais velho, que protege e aconselha seu ente querido.

Em vésperas de fazer o exame de admissão, o professor Murillo fez questão de apresentar-me às pessoas da biblioteca, da secretaria e a outro seu orientando, dizendo: *“Esta é a minha orientanda de Angola, agradeça que nada lhe faltasse e que saísse do nosso Brasil com a melhor das impressões.”* Aquelas palavras foram uma bênção para mim... sabia que seria bem tratada, mas não imaginava o quanto...

Quando soube que, para o exame, existia alguma literatura, a qual, mesmo ficando três noites sem dormir, não fui capaz de assimilar integralmente, considerei por bem não fazer o exame. Telefonei ao professor Murillo e disse-lhe o que havia decidido. Ele, como todo bom pai ou amigo, quis saber o porquê e alegou que as razões colocadas por mim não eram válidas. Ele acreditava que os meus 13 anos de graduação seriam suficientes para eu passar no exame... Mas as palavras do professor Murillo foram ditas em tom baixo, de forma pausada e tão convicta, que foram suficientes para deixar-me admirada, pois, ao contrário do que esperava, não se zangou comigo... Pensei melhor e comuniquei-lhe que iria ao exame. Se me saísse bem, entregaria; se não, desistiria. Fiz o exame e, por incrível que na altura pudesse-me parecer, passei... Se já o admirava, passei a admirá-lo muito mais.

Durante os seis meses que vivi em São Paulo, para fazer as quatro cadeiras do mestrado, fiquei longe da família, e, nesse período, a orientação, o cuidado no trato, a cordialidade e a amizade que recebi do professor Murillo fizeram-me perceber que era alguém com quem podia contar. Portanto, dessa forma, percebi, na pessoa do professor Murillo, a família que encontrei em São Paulo.

Nossos encontros tinham um ritual sagrado. Encontrávamo-nos sempre na FAUUSP Maranhão, caminhávamos a pé e íamos almoçar. No percurso, o professor Murillo me contava a história de sua família, da ex-esposa, da ex-sogra, dos amigos, dos outros orientandos e dos grandes amigos que ganhou na USP. Depois do almoço, regressávamos à FAU e falávamos de meus estudos. Eram horas que não terminavam, o professor Murillo só ia embora depois de ter a certeza que eu não tinha mais perguntas ou dúvidas. Aos poucos, fui percebendo a importância que cada um de nós, orientandos, tinha para ele. E era esse carinho e amizade que me incentivava a estudar cada vez mais, para não desiludir meu professor Murillo.

A última vez que o vi foi no dia 22 de fevereiro de 2011. O professor Murillo estava feliz, disse-me: *“Alice, não tenha receio de nada, tudo vai correr bem com você.”* Despedia-se, dessa forma, de mim, sem sabermos, ambos, que seria para sempre! Essas são as palavras que guardarei, do professor e amigo, o qual muito admirei e estimei... será eternamente lembrado por mim e por minha família.

Procurarei dar o meu melhor, como aluna, para, assim, honrar a memória daquele que acreditou em mim e, quando precisei, fez-me ver que o objetivo que perseguia era um sonho possível. Paz à sua alma!